



## DESVELANDO O SIGNIFICADO DE MULHERES COM CÂNCER: O SER-NO-MUNDO E A AUTONOMIA PARA FINITUDE

### UNVEILING THE MEANING OF WOMEN WITH CANCER BEING-IN-WORLD AND AUTONOMY FOR FINITUDE

Andressa Karine Genz<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente estudo objetiva identificar as relações entre sentimentos apresentados nos discursos de mulheres com câncer em estado paliativo. Participaram da pesquisa 4 pacientes com idade acima de 18. Para a coleta de dados, foi utilizado como instrumento, o Questionário com 6 perguntas sobre diversas perspectivas. Os resultados apontaram para a existência de correlações entre o processo de Construção, Desconstrução e Reconstrução. Os resultados foram analisados com base na análise existencial de Gabriel Marcel.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres, Câncer, Construção, Desconstrução, Reconstrução.

**ABSTRACT:** This study aims to identify the relationship between presented feelings in the discourse of women with cancer in palliative state. Four patients aged above 18 participated on this study. To collect data, was used as instrument, a Quiz with 6 questions about different perspectives. The results showed the existence of correlations between the process of Construction, Deconstruction and Reconstruction. The results were analyzed based on the existential analysis of Gabriel Marcel.

**KEY WORDS:** Women, Cancer, Construction, Deconstruction, Reconstruction.

#### Introdução

O presente trabalho é fruto de um Projeto de Extensão em Fenomenologia Existencial em parceria com o Hospital União Oeste Paranaense de Combate ao Câncer- UOPECCAN, de Cascavel/PR..

Foi com a clientela atendida pelo GIAP (Grupo De Apoio Aos Pacientes Paliativos) do Hospital UOPECCAN que buscou-se, por meio das falas das pacientes, investigar os sentimentos apresentados nos discursos de mulheres que se encontram com

---

<sup>1</sup> Graduada em PSICOLOGIA pela PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA- CAMPUS TOLEDO.  
E-mail: [andressa\\_genz@hotmail.com](mailto:andressa_genz@hotmail.com)



câncer fora do processo de cura, não respondem ao tratamento, ou seja, pacientes paliativos.

O GIAP é uma equipe composta por médico oncologista, nutricionista, fisioterapeuta, assistente social e psicóloga. Esta equipe visa oferecer suporte, informação e conforto à paciente e sua família, visando aliviar expectativas e necessidades físicas, psicológicas, sociais e espirituais.

Frente à preocupação e a necessidade dos indivíduos sentirem-se “preparados” são realizados encontros mensais em grupo, onde as pessoas interagem e discutem seus anseios, preocupações, medos, fantasias e emoções com esta equipe.

A vivência do câncer produz tensão emocional e desafia a capacidade de enfrentamento da paciente e da família. Entendendo-se que: Existir implica num processo contínuo de *construção, desconstrução e reconstrução* sempre criando algo novo e singular.

A Existência humana, segundo Marcel (1969), é essencialmente itinerância, um movimento; um peregrinar orientado por um propósito. Ao nascer, o homem dá início a sua jornada neste mundo no qual não tem morada definitiva. Existir é caminhar e não deixar nunca de caminhar. O peregrino não é uma mônada, ou um eu transcendental, mas sim, um eu encarnado, concreto e singular. Sempre situado no mundo, e por ele constantemente influenciado, o peregrino se engaja para transformá-lo, para dar-lhe sentido. É alguém que caminha sempre em busca de ser mais do que é. O peregrino ao contrário do andarilho solitário, caminha engajado com os outros. Assim, o peregrinar é a condição de possibilidade para encontrar respostas àquelas interrogações mais profundas e decisivas que surgem na vida ao longo do caminho.

Portanto a busca de informação acerca do tema “Desvelando o Significado de Mulheres com Câncer o Ser-no-Mundo e a Autonomia para Finitude” partiu da vivência de um caso de câncer na família da pesquisadora (avó materna) que veio falecer no ano de 2000. Isto, somado à vivência inerente ao ser mulher – filha, e profissional de saúde, e, portanto, vinculada ao fenômeno do cuidar, torna a pesquisadora cada vez mais sensível para olhar o cuidado da mulher com câncer, com base em uma atitude fenomenológica.



Através deste estudo pretende-se conhecer melhor o universo que envolve os pacientes paliativos. O objetivo geral da pesquisa é investigar os sentimentos apresentados nos discursos de mulheres que se encontram em tratamento de câncer em estado paliativo. Como objetivos específicos, conhecer o processo de Construção, Desconstrução e Reconstrução das mulheres acometidas pelo câncer fora de possibilidade de cura. Conhecer a percepção das mulheres fora de possibilidades terapêuticas curativas do seu ser-no-mundo e autonomia para morrer. Compreender a visão das pacientes diante da condição de finitude.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O homem, ao nascer, está "condenado" a existir, a caminhar. Isso não significa que de acordo com Marcel (1969) a existência precede a essência, mas que existir é um "processo" contínuo de descobrimentos de mim mesmo, dos outros e do mundo; no qual vou agregando experiências ao meu ser, de tal modo que, a cada passo que dou, sou mais do que era antes.

Para Marcel (1969) existência e essência são inseparáveis, pois não há como dissociar o existente de sua existência. Participante no mundo, o peregrino está exposto o tempo todo a situações que ameaçam sua liberdade e a possibilidade de construí-la e reconstruí-la. O percurso da peregrinação, o mundo, é constituído também de problemas, guerras, seqüestros, extermínios, doenças. O peregrino não marcha no céu, mas no mundo e com tudo aquilo que o constitui de bom e de ruim. Isso significa que o peregrino não está "livre" de ter a construção de sua liberdade "roubada" ou degradada pela ação de seus "companheiros" de jornada.

Ainda conforme o mesmo autor, a construção da liberdade acontece ao longo do caminho, nas relações interpessoais, na comunhão fraterna, no engajamento com o outro. Uma das condições para a conquista da liberdade é a intersubjetividade. Eu não sou livre: nós somos livres. A liberdade não é uma conquista individual, mas de conjunto. Se ao longo do caminho existem andarilhos que "roubam" nossa liberdade, de outro lado, não



faltam peregrinos que "devolvem", que constroem nossa liberdade; que conosco abrem caminho, que nos ajudam a sermos, a cada passo dado, pessoas mais autênticas e livres. Marcel (1969) diz que há olhares que nos revelam nós próprios, ao mundo e aos outros.

É interessante notar que o processo denominado por nós de “desconstrução” parece-nos realmente um caminho de volta, de retorno; um caminho marcado quase que pelos mesmos fatores determinantes do processo de construção. É como se a paciente tentasse voltar ao que era antes da doença, fazendo o mesmo percurso, marcado agora pela ausência de saúde. É como se a segurança dos pontos anteriormente demarcados o trouxessem de volta “para casa”.

São estes os demarcadores desta etapa:

Reorganização do cotidiano, novo olhar sobre a família e sobre a vida; novos projetos.

As entrevistadas avaliam sobre o ponto mais marcante desta etapa, onde em vários momentos se percebe o processo de construção, desconstrução e reconstrução.

*“Mas aí caiu a ficha: agora eu posso ir, posso ficar... mas demorou, menina! Isso aí foi duro pra mim. O que eu faço com a minha liberdade? Eu tenho toda ela... O que é que eu faço com o meu tempo? Ele agora é todo meu”.* **Dona Esmeralda**

*“Agora quando a gente lembra... [chora]... Eu podia ter sido melhor, podia ter sido diferente, sempre fica alguma coisa... mas estou dando o melhor de mim Deus sabe disso. Veio a lembrança de muitos momentos que eu perdi, não somos perfeitos... Ainda bem que não somos...”.* **Dona Estrela**

*“Eu aprendi muito, eu sofria muito, exigia muito dos outros... Eu queria que todo mundo me desse atenção, mas cada um é de um jeito... (...) Só eu queria estar certa eu reconbeço, mas eu fui aprendendo”.* **Dona Sol**

A reorganização do cotidiano, a procura pelo que lhes é familiar faz parte dessa fase de reconstrução.

## CAMINHO METODOLÓGICO



A pesquisa fenomenológica de acordo com Trivinõs (1990) é pertinente à psicologia, por buscar compreender o homem em sua totalidade existencial, pois as respostas são dadas por pessoas que vivenciam e experienciam o fenômeno, em uma dada sociedade histórica e culturalmente situada.

Qualitativa porque esta abordagem permite descrever, interpretar e aproximar de uma maior compreensão a totalidade do homem, a sua unidade de vida como seu ser de liberdade e participação, responsável por suas vivências. Procura também aprofundar-se nos significados das ações e relações humanas (aspirações, crenças, valores e atitudes), diferentemente da pesquisa quantitativa, que procura captar do fenômeno apenas a região visível-concreta. Como ciência do rigor, a fenomenologia procura analisar a experiência humana de uma forma rigorosa.

Outra razão que nos motivou a optar pela fenomenologia fundamentou-se na questão de que o fenômeno em estudo remete-se e aproxima-se da fenomenologia existencial, uma vez que conviver com a mulher com câncer fora de possibilidade de cura e as diferentes faces do processo de construção, desconstrução e reconstrução é uma experiência concreta, vivenciada pela mulher em seu mundo-vida, no qual esta pessoa, como sujeito-consciente-no-mundo, experiência essa situação atribuindo à mesma significados, conforme sua visão de mundo, de acordo com seus costumes, saberes e valores, vividos intersubjetivamente com o outro. Valendo-se do enfrentamento de sua realidade, permitiram-nos abordá-las, a fim de desvelar o fenômeno na sua essência.

Determinei como sujeitos da pesquisa mulheres com câncer, com idade acima de 18 anos, tratadas pelo GIAP (Grupo de Apoio aos Pacientes Paliativos), do Hospital UOPECCAN de Cascavel/PR, diagnosticadas pela equipe médica como fora de possibilidade de cura, ou seja, pessoas que não responderam ao tratamento oncológico e passaram da fase curativa para a dos cuidados paliativos, encontrando-se na fase do processo de morrer.

Os discursos foram identificados com nomes fictícios para resguardar o sigilo. A leitura minuciosa das descrições dos sujeitos teve como finalidade captar a presença dos



aspectos comuns nas falas das mulheres que participaram do estudo. O processo de Construção, desconstrução e reconstrução é um fenômeno universal; é, ao mesmo tempo, particular e próprio com uma miríade de sensações, sentimentos e significados. Por meio dos discursos das mulheres que conviviam com câncer e fora de possibilidade de cura foi possível desvelar o modo de ser-aí nas diferentes faces do processo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vida constitui-se em uma sucessão de histórias, fatos, circunstâncias, sentimentos, sensações, uma somatória de perspectivas que a fazem tão mais rica e simbólica quanto maior a percepção possível em cada olhar, quanto maior for o sentimento latente em cada sujeito, quanto maior for o significado atribuído a cada objeto, a cada lugar, a cada pessoa, a cada gesto, a cada momento.

Por isso essa sucessão de poesias, histórias, conceitos, pinturas, por isso essa sucessão de sentimentos, certezas e dúvidas nas palavras de Martinelli: *a pesquisa qualitativa é, de modo geral, participante, nós também somos sujeitos da pesquisa. (...) Temos vida, temos história, temos emoção! (...) Não podemos pensar que, para mantermos a objetividade, desejamos ocultar a emoção. O sujeito não pode ser oculto, nem o pesquisador, nem o pesquisado, ambos são saturados de história, são plenos de possibilidades! (1999:26)*

O trabalho pode não estar completo, pode não estar “acabado”, pode não ser o que idealizamos, mas, está como analisamos nossa própria vida em alguns momentos: “incompleta”, “inacabada”, “não ideal”, mas, nossa!!!

Ou como diz Dona Cristal:

*“Quem tem a consciência tranqüila de quem cumpriu a sua missão, não tem porque se lastimar”*

Fica claro que o processo de escuta e fala entre as pacientes e os membros do Grupo GIAP oferece um momento reflexivo de grande valor no processo de Construção, desconstrução e reconstrução. Bem como iniciativa, autonomia, aceitar e a lidar com suas próprias expectativas.

## REFERÊNCIAS



MARCEL, Gabriel. Filosofia concreta. **Revista de Ocidente**, Madrid, 1969

MARTINELLI, Maria Lucia (org). **Pesquisa Qualitativa**: um instigante desafio NEPI/PUCSP. São Paulo: Veras, 1999.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1990